

FAZER PARAPEDAGÓGICO: PARAPRECEPTORIA NA DOCÊNCIA CONSCIENCIOLÓGICA

PARAPEDAGOGIC REALIZATION:

Parapreceptory in the Conscientiology Teaching

Hegrison Alves

Resumo: Este artigo objetiva trazer reflexões e levantar questionamentos sobre o que estamos denominando *fazer parapedagógico* – quarta etapa do *Ciclo de Qualificação da Práxis Parapedagógica*, conceito que a *Reaprendentia* utiliza em seu Curso para Formação de Professores de Conscienciologia (ano-base: 2013). O *fazer parapedagógico* refere-se ao processo de parapreceptoria em que há contato dos amparadores de função e da própria equipe extrafísica com professores e alunos nas aulas de Conscienciologia ministradas por professores ativos ou em formação. Trata-se de constructo já vivenciado por muitos professores veteranos, porém ainda pouco estudado. No presente texto, refletimos sobre sua natureza parapsíquica, sua aplicabilidade, os fenômenos presentes, suas repercussões e desdobramentos decorrentes dessa etapa. Debates ainda a importância da identificação, interpretação e uso autoconsciente das mensagens e *insights* trazidos pelos amparadores ao corpo docente com o objetivo principal de esclarecer o corpo discente da forma mais pontual e interassistencial possível: o que estamos chamando de *transposição paradidática*. Por fim, propomos questionamentos que nos ajudem a ampliar nossa compreensão e utilização cosmoética e autolúcida do conceito principal deste artigo. Concluímos sugerindo uma reflexão aberta e questionadora sobre a precisão neologística da expressão composta *fazer parapedagógico*.

Palavras-Chave: fazer parapedagógico, parapreceptoria, parapsiquismo, fenômeno.

Abstract: This article aims to foster reflections and raise questions on what we are calling *parapedagogic realization* – the fourth stage of the *Qualification Cycle of Parapedagogic Praxis*, a concept *Reaprendentia* uses in its *Conscientiology Teacher Formation Course* (year - 2013). *parapedagogic realization* refers to the process of *parapreceptory* in which there is contact of specialized helpers as well as the *extraphysical team* with the *intrapysical instructor and students* in *Conscientiology lessons* taught by active instructors or trainee ones. It refers to a construct already experienced by many veteran instructors, but yet little studied. In this text, we reflect upon its *parasychic nature*, *applicability*, *existing phenomena*, *repercussions* and other process resulting from this stage. We also debate over the importance of *identification*, *interpretation* and *self-conscious use of the messages and insights* brought by helpers to teaching staff aiming to clarify students in the most punctual and interassistencial way possible – which is being called as *paradidactic transposition*. Finally, we suggest questionings that can help us amplify our understanding, *cosmoethic* and *self-lucid use of the main concept* of this article. We conclude by suggesting an open and questionable reflection on the neologistic precision of the compound expression *parapedagogic realization*.

Keywords: *parapedagogic realization*, *parapreceptory*, *parasychism*, *phenomenon*.

INTRODUÇÃO

Etapa. O *fazer parapedagógico* é uma das cinco etapas, fases ou momentos que compõem o que chamamos de *Ciclo de Qualificação da Práxis Parapedagógica*.

Ciclo. O *Ciclo de Qualificação da Práxis Parapedagógica*, ou simplesmente *Ciclo*, é a anatomização, o estudo, a compreensão e a qualificação das diferentes partes ou etapas que compõem a práxis parapedagógica de um professor que apresenta bom conhecimento do *corpus* da Conscienciologia e seja polímata, parapsíquico, veterano e experiente no trato com conscins e consciexes em sala de aula.

Figura. A figura abaixo ilustra o *Ciclo* para aqueles que ainda não estejam familiarizados com o conceito e sua estrutura.



Práxis Parapedagógica. A *práxis parapedagógica* é a vivência, a atividade, o exercício, o ato lúcido, autoconsciente, contínuo, intencional, teático, exemplarista e crítico-reflexivo realizado pelo (a) professor(a) de Conscienciologia na atividade docente, objetivando promover o esclarecimento, a reeducação e a autonomia de todas as consciências envolvidas no processo ensino-aprendizagem-recuperação de cons, além de qualificar a própria atividade em si (ALVES, 2013).

Resumo. Em uma breve explanação¹, podemos dizer que:

(1) os *conteúdos* referem-se aos conhecimentos (sejam eles formais ou informais), as vivências e reflexões do professor de Conscienciologia;

(2) a *transposição didática* estuda a melhor maneira de o professor promover a recuperação e/ou construção do conteúdo da aula com os alunos;

(3) a *interação com o campo energético parapedagógico* permite ao professor perceber a dinâmica do campo instalado em sala, suas inter-relações e repercussões;

¹ Para mais detalhes sobre o Ciclo, favor ler artigo do mesmo autor neste número da Revista de Parapedagogia.

(4) o *fazer parapedagógico* trata-se do mais alto nível de parapreceptoria, ou seja, da atuação direta dos amparadores sobre as consciências envolvidas em cada aula e dos bastidores multidimensionais e multiexistenciais, por exemplo;

(5) a *interassistencialidade* é o objetivo máximo de uma aula de Conscienciologia: o fechamento com *chave de ouro* parapedagógico e reeducaciológico que prima pelo esclarecimento das consciências presentes (intra ou extrafísicamente) quanto às verdades relativas de ponta.

FAZER PARAPEDAGÓGICO

Extrapolação. Dentre as 5 etapas do *Ciclo*, a aplicação e experimentação direta das 3ª e 4ª extrapolam, em sua essência (para)pedagógica – principalmente se relacionada à docência convencional na Socin – a realidade intrafísica. Isso não significa, contudo, que nas etapas anteriores essa variável não possa estar presente. Mas esse não é nosso foco no presente artigo.

Anatomização. O objetivo em anatomizar a práxis parapedagógica, buscando elencar suas diferentes facetas, tem cunho didático e pesquisístico, pois facilita a compreensão, o aprofundamento e aperfeiçoamento da aula como um todo, evitando achismos e tentativas frustradas de explicar o todo pelas suas partes, sem, contudo, compreendê-las.

Definição. O *fazer parapedagógico* é a realização de uma ação (*fazer*), no caso a ação dos amparadores (*parapedagógico*) sobre professores e alunos, com o objetivo de fornecer informações que possam melhor ajudar a esclarecer essas consciências em suas necessidades específicas, singulares, únicas. Trata-se de interferência pensênica positiva e interassistencial dos amparadores sobre o corpo docente, discente e paradiscnte, com o objetivo de trazer informações as quais geralmente não teríamos acesso se atuássemos unicamente pela visão intrafísica da aula.

Didática. Isso não significa, entretanto, que o *fazer parapedagógico* só aconteça depois que o professor fala sobre o conteúdo, usa técnicas e recursos didático-pedagógicos e interage com o campo, exatamente nesta ordem. Pode acontecer em qualquer momento da práxis parapedagógica – antes, durante ou mesmo depois –, desde que haja predisposição das consciências envolvidas. A disponibilização dessa e das outras etapas na sequência apresentada é, acima de tudo, didática, mas com grande lógica em sua distribuição.

Interação. Todas as fases do *Ciclo* interagem, ou pelo menos deveriam interagir, entre si. Uma fase não existe isolada da outra. O *fazer parapedagógico*, por exemplo, permeia e pode influenciar ou ser influenciado pelas outras fases. Como exemplo dessa interação, podemos citar os seguintes relatos, situações ou experimentações:

1. Um professor pode receber *insight* dos amparadores sobre determinado conteúdo a ser estudado, pesquisado e inserido no conteúdo da aula que lecionará durante sua pré-aula². A complementação do tema pode ser inspirada mesmo durante o decorrer da aula enquanto o professor explica o assunto em pauta.

2. Há relatos de professores que tiveram inspiração para estudar temas aparentemente desconexos da aula, mas que descobriram mais tarde sua importância e relação com o tema em si ou com determinados alunos no próprio desenvolvimento da aula.

2 Para mais detalhes sobre Pré-aula, vide artigo do professor William Klein nesta revista.

3. Muitos professores de ECP1 (curso de Extensão em Conscienciologia e Projeciologia I³) mencionam o fato de tomar conhecimento, em seus períodos de pré-aula, sobre temas que surgirão durante o curso.

4. Uma projeção didática pode inspirar um professor quanto à metodologia mais adequada para abordar determinada questão em sala. Inspiração quanto à escolha e sequência de tópicos da aula a ser ministrada costuma ocorrer com professores que estejam sintonizados com os amparadores de função.

5. Alguns professores relatam a leitura de trechos de livros durante uma aula sobre os quais não haviam pensado antes. Tiveram o *insight* na hora. Muitos chegam a receber *feedback* de alunos comentando sobre o impacto que aquela leitura teve para eles naquele seu momento evolutivo.

6. Há relatos de professores sobre memória de vivências próprias há muito esquecidas, que ressurgem dos recônditos mais escondidos de suas holomemórias durante uma aula e que se encaixam perfeitamente para exemplificar algum caso específico de um aluno, ou mesmo da turma, o que acaba promovendo grandes reflexões e possíveis reciclagens do aluno ou da turma. Naturalmente, pode ser uma simples recuperação da informação pelo próprio professor. Mas fica o registro para autopesquisa dos que se interessam pelo assunto.

Rapport. Ao sintonizar-se com o campo instalado em sala de aula, um professor pode acessar informações fornecidas pelos amparadores de função sobre aspectos que facilitem o *rapport* com a turma. Podemos dizer que esta etapa é mais motivada pelo próprio professor, depende mais dele, de sua vontade, enquanto o *fazer parapedagógico* é mais parapsíquico, 'mediúnic', motivado por fatores externos ou pela influência direta dos amparadores.

Interassistencialidade. Durante a realização do esclarecimento aos alunos, informações pontuais e singulares relevantes a determinado aluno podem ser passadas a um professor pela equipex. O estado de satisfação ou compreensão pelo esclarecimento feito pode não ser do aluno para o qual a resposta foi diretamente dada, e sim de outro aluno, aparentemente quieto, porém o real necessitado da resposta à indagação. Aqui, entra o trabalho constante da parapercepção do professor para tentar identificar para quem especificamente as respostas foram direcionadas. Um banho de energias promovido pelos amparadores, nesse caso, pode ser uma boa dica do quanto o professor acertou em sua abordagem interassistencial.

Disponibilidade. O *fazer parapedagógico* tem a ver com predisposição, atitude e quietude conscienciais. É preciso que o professor esteja disponível, acessível aos amparadores. Por isso, estar tranquilo quanto ao conteúdo, à didática e à interação com o campo são pré-requisitos essenciais. Assim, ele poderá se disponibilizar para a interação com a equipe extrafísica.

Tácito. A autoconscientização multidimensional e o exercício da atenção e da reflexão sobre a ação parapedagógica durante as aulas ajudam o professor a compreender as informações recebidas. Inclusive, ajudam-no a trazer à tona conhecimentos adquiridos em vidas passadas: um conhecimento tácito talvez ainda pouco explorado.

Equipex. O *fazer parapedagógico* caracteriza-se pela atuação da equipe extrafísica sobre o professor, alunos e consciências ligadas ao contexto multidimensional da aula. Trata-se de um tipo de exercício da docência extrafísica (parapreceptoria) sobre o professor e os alunos. Segundo Vieira (Verbete *Parapreceptoria*, Enciclopédia da Conscienciologia),

3 O ECP1 é um curso de imersão realizado em hotel para favorecer a autoanálise, ministrado por dois professores da equipe especializada do IIPC (Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia). O conteúdo foi elaborado com base no livro Conscienciograma do prof. Waldo Vieira, uma obra técnica que, além de dinamizar o autoconhecimento, otimiza a reciclagem íntima do interessado.

A *parapreceptoría* é a tarefa do esclarecimento interdimensional, ou paratares, desenvolvida pelos amparadores extrafísicos de função, ou parapreceptores, na busca da atualização da lucidez, ou a recuperação dos cons magnos, quanto ao conhecimento essencial das conscins intermissivistas, ou cognopolitas, sobre as autoproéxis, ou maxiproéxis.

Promoção. Muitas vezes, o campo otimizado e a interação sadia e interassistencial de todas as consciências presentes com seus próprios méritos facilitam a recuperação de cons do professor ou de alunos isolados, sem que o professor precise atuar diretamente, de forma conteudista, por exemplo, sobre esses alunos.

Movimento. O *fazer parapedagógico* é realizado essencialmente do extrafísico para o intrafísico, com seu objetivo, foco e tipo de interação característicos, que busca respaldo teático em diferentes especialidades da Conscienciologia, conforme quadro-resumo abaixo.

	4ª Etapa – Fazer parapedagógico
Objetivo	Propiciar a realização do trabalho de parapreceptoría da equipex
Especialidade	Parapercepciologia
Foco	Parapedagogia Paradidática Parametodologia Paratécnicas Transposição Paradidática
Tipo de interação	<i>Multidimensional:</i> Da equipe extrafísica para o professor e as consciências presentes

IMPORTÂNCIA DO FAZER PARAPEDAGÓGICO NO CICLO

Conteúdo. Embora não seja o ideal para uma aula de Conscienciologia, o professor pode optar por um ensino puramente conteudista, ou seja, aquele em que o centro da aula é o assunto, o tema, o conteúdo – ou mesmo o próprio professor que quer mostrar o quão erudito é – e não as consciências que ali estão.

Abordagem. A abordagem parapedagógica, entretanto, não é nem centrada no conteúdo, nem tampouco no professor, e sim na *interassistência às consciências* – conscins ou consciexes – multidimensionalmente participantes.

Ampliação. Se a abordagem é centrada na interassistência às consciências presentes, o professor precisa esforçar-se para ampliar o seu nível de compreensão sobre os fatos e parafatos que se apresentam tanto na sala intrafísica quanto na sala extrafísica, e suas inter-relações multidimensionais, multiexistenciais e grupocármicas, por exemplo.

Conexão. Uma das maneiras de ampliar essa autoconscientização multidimensional quanto às ocorrências intra e extrafísicas é o professor ampliar sua conexão com a equipe de amparadores presentes.

Disponibilização. Desse modo, se a mente do professor já não se encontra mais preocupada com o conteúdo, com a transposição didática e a interação com o campo – pois ele já conseguiu avançar, nem que seja um pouco, nessas etapas – seu microuniverso consciencial pode então disponibilizar-se para interagir com os amparadores, que nesse contexto multidimensional se encontram prontos para ajudar o professor em sua tarefa de esclarecimento.

Momento. Esse é o momento do *fazer parapedagógico*, no qual *insights*, telepatia, clarividência ou clariaudiência promovidos pelos amparadores, entre outros fenômenos, acontecem para clarear determinado assunto, por exemplo.

Afinidade. A sintonia entre professores e consciências, afinizados à tarefa de esclarecimento sendo realizada, pode facilitar a interação multidimensional e a parapercepção de todos em sala, com a possibilidade de recuperação de cons magnos tanto pelo professor quanto pelos alunos.

Exemplos. Dois exemplos de vivências do *fazer parapedagógico* antes da aula podem ser encontrados nos artigos “*Aspectos multidimensionais do período pré-aula*”, do prof. Rafael Seidel e “*Parapsiquismo lúcido e fazer parapedagógico na pré-aula de Conscienciologia*” da prof^a. Adriana de Lacerda Rocha⁴. Nos dois artigos, os autores relatam suas experiências parapsíquicas com influência direta da equipe extrafísica durante o período de Pré-aula (KLEIN, 2010).

Professor. O que esses relatos nos mostram é que quanto mais qualificado estiver o professor em relação às etapas anteriores, mais pontual e abrangente será sua assistência. Importante lembrar que estamos falando de *Qualificação da Práxis Parapedagógica* e seu ciclo didático.

Fenômenos. *Insights*, inspirações, telepatia, clarividência, clariaudiência, entre outros fenômenos parapsíquicos que trazam informações sobre os alunos, são ocorrências típicas dessa fase. O que o professor faz com essa informação certamente influencia a etapa seguinte (Interassistencialidade). Se ele souber utilizar didaticamente a informação recebida para assistir a consciência que precisa da informação captada, ele consegue passar com sucesso para a etapa seguinte, realizando então a interassistência necessária. Se o professor não souber o que fazer com essa informação, terá perdido a oportunidade de fazer uma interassistência de ponta.

Discernimento. Informação sem discernimento pode atrapalhar mais do que ajudar na hora da assistência. Portanto, é importante que o professor, dentro de sua maturidade consciencial, saiba o que fazer com a informação recebida.

Miopia. Podemos dizer que essa ‘deficiência’ em não utilizar a informação otimizada seria um tipo de ‘miopia parapedagógica’, ou seja, uma inaptidão do professor em aproveitar a convergência de vários fatores promovidos pela equipex para assistir uma consciência.

Percepção. A captação (trazer para si utilizando-se de alguma habilidade) ou a percepção (faculdade de apreender por meio dos sentidos ou da mente) é parte integrante da sequência paradidática dentro do *fazer parapedagógico*.

SEQUÊNCIA PARADIDÁTICA

Acalmia. Primeiro, o professor precisa estar bem tranquilo em relação às etapas anteriores do *Ciclo*. Estar em dia com o conteúdo, seguro sobre o que falará traz certa acalmia mental. Quem não fica nervoso quando tem que falar sobre um tema que não domina? Segundo, precisa estar bem preparado quanto à forma que utilizará para falar sobre o conteúdo: que perguntas fará, que recursos utilizará, se o multimídia está funcionando, se o Cosmograma a ser comentado está disponível, se os livros que poderão servir de referência estão organizados sobre a mesa da sala, se o ar-condicionado está ligado, entre outros fatores.

4 Os dois artigos podem ser encontrados na Revista de Parapedagogia, Ano 1, N. 1, 2011.

Variáveis. Estar autoconsciente dessas e de outras variáveis antes do início da aula minimizam o nervosismo e permitem ao professor focar no que realmente importa: a conexão com os amparadores para usar o máximo possível de seu laboratório consciencial, objetivando esclarecer o maior número possível de consciências predispostas no ambiente social e parassocial da sala.

Controle. O controle sobre essas duas etapas impactam e são essenciais para a construção, manutenção e preparação do estado mental e consciencial do professor para a etapa seguinte: a interação com o campo energético parapedagógico. Sem isso, o professor não libera espaço mental para seguir em frente e fica mentalmente ‘preso’ aos dois momentos ou às duas fases mencionadas.

Amparo. Os amparadores podem até tentar se comunicar com o professor, mas se este não se liberar do conteúdo que abordará e de que forma didática apresentará o tema da aula, ele provavelmente ficará encapsulado em sua ‘gaiola’ pensênica, lucubrando sobre o que dizer – algumas vezes até mesmo preso ao medo que alguém lhe pergunte algo que não saiba ou não tenha estudado.

Pergunta. Trazendo para a realidade do dia a dia, conseguimos *realmente* ouvir o que outra pessoa tem a nos dizer quando nossa mente está cheia de dúvidas, preocupações, antecipações, ansiedade sobre determinado assunto ou ação que temos a realizar? Nesses casos, nosso interlocutor tenta em vão nos dizer algo que simplesmente não ouvimos, pois não abrimos o canal de comunicação necessário à interação com esse outrem. O circunlóquio mental e infrutífero toma vulto e pouco espaço liberamos para ouvir quem está fora. *Isso já aconteceu com você?*

Parapercepção. Portanto, estar disponível para ouvir, (para)perceber, captar, ver, ouvir o que a equipex tem a dizer é parte fundamental do *fazer parapedagógico*. E isso precisa ser feito com o máximo de autodiscernimento possível, pois precisamos analisar a veracidade e aplicabilidade de cada ideia, fato ou parafato a que temos acesso.

TRANSPOSIÇÃO PARADIDÁTICA

Identificação. Captar a mensagem, conteúdo, ainda não é suficiente. O professor precisa agora saber identificar para quem a mensagem deve ser repassada, se for o caso, pois muitas vezes a informação serve apenas para embasar decisões que o professor precisa tomar quanto ao procedimento de sua aula em relação ao grupo ou aluno específico.

Interpretação. Caso tenha que usar a mensagem para melhor esclarecer a turma ou algum aluno específico, o professor precisa agora saber interpretar e adequar a informação recebida ao contexto multidimensional e ao nível evolutivo da consciência a ser assistida.

Transposição paradidática. Num paralelo com a segunda etapa do Ciclo, podemos chamar esse processo de *Transposição paradidática*, pois o professor, de posse agora da informação e/ou do contexto multidimensional de que dispõe, precisa saber decodificar essa informação e estudar de que maneira didática a usará para esclarecer a(s) consciência(s) envolvida(s).

Fenômenos. Diversos são os fenômenos parapsíquicos que podem trazer ao professor informações relevantes ao contexto polifônico multidimensional e multiexistencial⁵ em que se encontra. Entre essas vivências, podem ser citadas:

1. Banhos energéticos;
2. Clarividência;

⁵ Para Mikhail Bakhtin, filósofo da linguagem russo, *polifonia* é a presença de outros textos dentro de um texto, causada pela inserção do autor num contexto que já inclui previamente textos anteriores que lhe inspiraram ou influenciaram (D’ALASCIO, 2011, p. 30). Podemos dizer então que a ‘polifonia consciencial parapedagógica’ representa a ideia de uma consciência encontrar-se sempre inserida e interagindo através de diferentes (com)textos multidimensionais, multiexistenciais, holossomáticos e bioenergéticos que caracterizam o paradigma consciencial mesmo que não esteja lúcida para essa realidade.

3. Clariaudiência;
4. Extrapolações parapsíquicas;
5. *Insights*;
6. Parapercepção impressiva;
7. Sinalética energética-anímica-parapsíquica;
8. Telepatia.

Reflexão. A reflexão-na-ação, em sala de aula, e sobre a ação docente, após a aula, ajudam o professor a compreender essas vivências parapedagógicas. O professor não consegue ampliar sua autolucidez e seu autodiscernimento se não se conscientizar das experiências ocorridas em sala. Esse procedimento auxilia os professores a aprimorar seus saberes docentes e sua autonomia parapedagógica.

Questionamentos. Nesse contexto, há várias perguntas que podem nos ajudar a ampliar nossa compreensão do *fazer parapedagógico*, tais como:

01. Deixo espaço mental para os amparadores atuarem enquanto estou dando aulas ou esse espaço fica abarrotado de preocupações de conteúdo e didática?
02. Busco sintonia de maneira consciente, lúcida e sem ansiedades com a equipex?
03. Aproveito o amparo de função da aula e do curso que estou lecionando para ampliar minhas próprias parapercepções?
04. Tenho algum *insight* sobre o tema da aula?
05. Se tenho, de que maneira percebo isso? O que percebo?
06. Se não tenho, o que posso fazer para melhorar minha parapercepção mesmo quando estou observando ou participando de alguma aula? Desperdiço essas oportunidades? Sei aproveitá-las?
07. Percebo a atuação dos amparadores de função? De que maneira?
08. Durante a aula lecionada ou observada, há expansão de ideias (alunos/professor) sobre o tema?
09. Percebo a utilização de alguma técnica paradidática? Sei descrevê-la e identificar seu uso?
10. Procuo adequar o conteúdo percebido ao contexto multidimensional da aula?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Autopesquisa. O fazer parapedagógico certamente ainda precisa de muita auto e heteropesquisa para que possamos melhor compreendê-la e tirar o máximo de proveito desse processo interassistencial.

Parapsiquismo. Naturalmente, investimentos no parapsiquismo precisam ser feitos por todos nós, professores, e a sala de aula – local ideal para essa capacitação otimizada devido ao campo energético e ao amparo de função – maximiza a aquisição e manutenção dessa competência parapedagógica, quando sabemos tirar proveito.

Atualização. Se todas as reflexões e pontuações que fizemos ao longo do texto nos levam a conceber essa etapa do *Ciclo* como sendo uma ação direta dos amparadores de função sobre professores e alunos dos cursos de Conscienciologia, cabe a proposta de pensarmos na atualização dessa expressão composta denominando-a então de “*fazer parapreceptorial*”, pois enfatiza e busca subsídios diretamente nos estudos da Parapreceptorial como especialidade da própria Parapedagogia.

Adequação. Fica então a sugestão de alteração e adequação da expressão *fazer parapedagógico* – já consagrada no *Curso para Formação de Professores de Conscienciologia da Reaprendentia* –,

na busca de outra expressão que represente fidedigna e realistamente o papel dessa minipeça na movimentação do *Ciclo de Qualificação da Práxis Parapedagógica*.

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

1. ALVES, Hegrissom. Professor – Aglutinador de Talentos Evolutivos. In: *Anais da II Jornada de Educação Conscienciológica*. Rio de Janeiro, RJ: IIPC, 2003, p. 23-30.
2. _____. Ciclo de Qualificação da Práxis Parapedagógica. *Revista de Parapedagogia*. Ano 2, n. 2. Foz do Iguaçu, PR: *Reaprendentia*, 2012a. (no prelo)
3. _____. Observação de aula como método de aprendizagem e autorreflexão docente. *Revista de Parapedagogia*. Ano 2, n. 2. Foz do Iguaçu, PR: *Reaprendentia*, 2012b. (no prelo)
4. _____. Parepistemologia da práxis parapedagógica. *Revista de Parapedagogia*. Ano 1, n. 1. Foz do Iguaçu, PR: *Reaprendentia*, 2011.
5. _____. Verbete: Práxis Parapedagógica. *Enciclopédia da Consciencologia*. Março de 2013. Disponível em: http://www.tertuliaconsciencologia.org/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=2342&Itemid=13. Acesso em: 09.07.2013.
6. KLEIN, William; Aspectos da pré-aula de Consciencologia. Artigo. *Revista Conscientia*. vol. 14. N. 4; Centro de Altos Estudos da Consciencologia (CEAEC). Foz do Iguaçu, PR. out./dez. 2010. p. 480 a 487.
7. VIEIRA, Waldo. Verbete Parapreceptor. *Enciclopédia da Consciencologia (EC)*. Disponível em: http://www.tertuliaconsciencologia.org/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=17&dir=ASC&order=name&Itemid=13&limit=20&limitstart=60. Acesso em: 15.07.2013.

Hegrissom Carreira Alves é professor universitário com mestrado em Letras e voluntário da Consciencologia desde 1996. Atualmente, coordena o Programa para Desenvolvimento de Professores de Consciencologia na *Reaprendentia*. E-mail: hegrisson@gmail.com

